

ATAS DO SIMPÓSIO
SÔBRE A
BIOTA AMAZÔNICA

VOL. 2: ANTROPOLOGIA



Belém, Pará, Brasil, Junho 6-11, 1966

EDITOR: HERMAN LENT

Publicado pelo
CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
RIO DE JANEIRO, GB
1967

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
<http://www.etnolinguistica.org/biota>

GRUPOS LINGÜÍSTICOS DO TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA

ERNESTO MIGLIAZZA

Museu Paraense "Emílio Goeldi", Belém, Pará

(Com 5 figuras no texto)

Os conhecimentos relativos à filiação lingüística, demografia e localização dos grupos indígenas do Território Federal de Roraima são limitados e, em certos casos, conjecturais.

As mais recentes publicações que mencionam os indígenas e as línguas do Território (ao nosso conhecimento) são as de VOEGELIN, 1965; MALCHER, 1963; GREENBERG, 1960; GALVÃO, 1959; RIBEIRO, 1957; McQUOWN, 1955. Sendo êstes trabalhos de caráter geral e baseados (exceto o de GALVÃO) em dados prèviamente publicados, nem sempre fidedignos no que concerne ao Território de Roraima, apresentam algumas lacunas quanto à localização exata, número de indivíduos, divisão dialetal e inteligibilidade inter-dialetal dos grupos locais. Alguns dêles repetem erros do passado, tanto na filiação lingüística

como na denominação de tribos, referindo vários nomes como se fôssem tribos diferentes, quando na realidade são diversos nomes ⁽¹⁾ para um só grupo, cuja língua não apresenta nenhuma variação dialetal apreciável.

Esta comunicação tem como objetivo mostrar de forma sucinta, a situação atual das línguas indígenas do Território, fazendo uma revisão das lacunas encontradas nos trabalhos anteriores.

Os dados foram coletados, de setembro de 1965 a fevereiro de 1966, sob os auspícios do Museu Goeldi. O material lingüístico triplicadamente gravado e registrado foneticamente é representante das seguintes línguas: Kurarikateri, Poraiteri, Tsanumá, Parimiteri, Aikamteri, Kasteri (Yanomami ou

⁽¹⁾ Mas nem sempre auto-denominações.

Xirianá⁽²⁾; Makuxí, Taulipâng, Mayongong (Karib); Wapitxâna-Atorâi (Aruak); Awaké (isolada-Aruak). A língua Máku (isolada-Tupi) foi registrada durante uma excursão anterior (MIGLIAZZA, 1965). O levantamento das malocas foi feito *in loco*, para aquelas acessíveis, e de avião para as de difícil acesso. O recenseamento realizado para as malocas não visitadas foi baseado no número de casas. Serviram de controle os dados colhidos pelos funcionários da Campanha de Erradicação da Malária (grupos Karib e Aruak) e por alguns missionários.

LOCALIZAÇÃO E DEMOGRAFIA

O Território de Roraima com uma área de 230.104 km² conta com uma atual população indígena de quase 7.150 indivíduos, todos pertencentes (na classificação de GALVÃO, 1960) à área cultural Norte-amazônica. O Território divide-se em duas regiões naturais: 1) "Floresta", onde o elemento predominante é a mata geral; 2) "Savana", onde dominam os campos e terras montanhosas. A primeira região localizada (vide mapa 1) em toda a parte sul, oeste e noroeste

⁽²⁾ O termo tradicional deste grupo é Xirianá, porém nesta comunicação usa-se o termo Yanomami, como será explicado mais adiante.

do Território⁽³⁾ é habitada por tribos "isoladas"⁽⁴⁾, isto é, com contatos externos acidentais. Esta região com cerca de 180.000 km² e uma população indígena de 2.130 indivíduos (essencialmente da Família Yanomami) regula uma densidade demográfica de aproximadamente 0,012 habitantes indígenas por km², ou seja 1,2 habitantes cada 100 km² (vide mapa 2). A segunda região com uma área de aproximadamente 50.000 km² e localizada na parte nordeste do Ter-

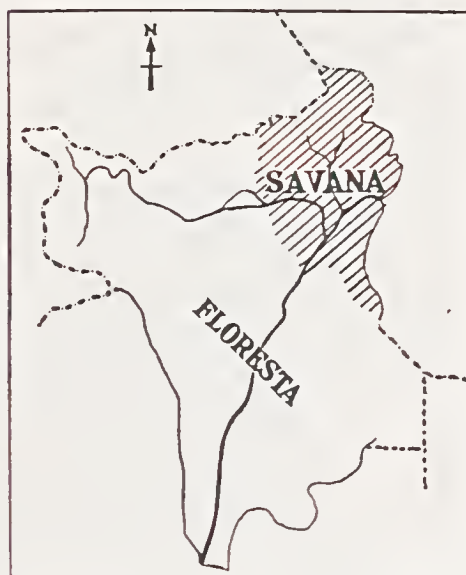


Fig. 1 — Mapa do Território Federal de Roraima. Divisão ecológica.

⁽³⁾ Quase todas as classificações identificam esta área como "Savana", quando na realidade é "Floresta."

⁽⁴⁾ Usando para o tipo de contato externo as mesmas categorias de Ribeiro (1957).

ritório, é habitada por grupos em contato externo "permanente" e "integrados". A população indígena desta região (Karib e Aruak)⁽⁵⁾ é de 5000 indivíduos, regulando uma densidade demográfica indígena de 0,10 habitantes por km². A região "Savana" é também a parte do Território de maior concentração demográfica (brasileiros e aborígenes) com aproximadamente 25.000 habitantes dos quais uns 12.000 residem em Boa Vista, capital do Território⁽⁶⁾.

Os três grupos ou famílias lingüísticas representadas no Território são: Yanomami com 2.130 falantes, Karib com 3.800 indivíduos e Aruak com 1.200. O número de Karib e Aruak inclui tanto os indivíduos aldeados como os destribalizados, moradores de fazendas pastoris ou de povoados. Há também duas línguas até agora classificadas como *isoladas*: a língua Máku, quase extinta, contando somente com três falantes, e a língua Awaké [Orotáni], com 17 falantes. Nesta comunicação as línguas Máku e Awaké são apresentadas

não como isoladas, mas como pertencentes ao grupo Aruak (Awaké) e Tupi (Máku).

Confrontando a localização dos grupos lingüísticos em 1965 com aquela do século passado (LOBO D'ALMADA, 1787; SCHOMBURGK, . . . 1836; COUDREAU, 1885) (vide mapas 2 e 3), nota-se um movimento do sul para o norte dos Yanomami e Karib; uma diminuição dos Karib e Aruak (em contato com a frente pioneira nacional); e uma expansão dos Yanomami, tribos ainda isoladas. Os Pauxiãna (Karib) que moravam ao longo do rio Branco até quase o rio Uraricuera estão hoje praticamente extintos, contando alguns indivíduos completamente integrados na sociedade neo-brasileira do baixo Catrimani. Os Waimiri (Karib) na parte sul do Território, sofreram uma redução populacional, localizando-se o restante ao sul do rio Alalaú no Estado do Amazonas. No Território há, atualmente, somente duas malocas ao norte do rio Alalaú com uns 60 indivíduos.

YANOMAMI

A Família Yanomami ou Xirianá, primeiramente considerada como isolada, e nas mais recentes classificações (GREENBERG, 1960; VOEGELIN, 1965) como uma família do filo Macro-Chibcha, é com mais

⁽⁵⁾ Para a grafia dos nomes tribais, o autor usa geralmente aquela publicada na Revista de Antropologia, vol. 4, n.º 2, São Paulo, 1955.

⁽⁶⁾ O recenseamento oficial do Território em 1960 inclui, em geral e sem discriminar, os indígenas da região de Savana (Karib e Aruak), mas não inclui aqueles da região da Floresta (Yanomami).

ou gente de fala Yanomami em contraste com outras pertencentes a outras famílias lingüísticas. Sugerimos que, se o termo fôr aceito como denominação da família em

lugar do termo Xirianá, seja mudado para o seu cognato Yanomami, pois êste é encontrado em vários dialetos e usado por maior número de falantes. O termo Yano-



Fig. 3 — Mapa, mostrando os grupos lingüísticos em 1800.

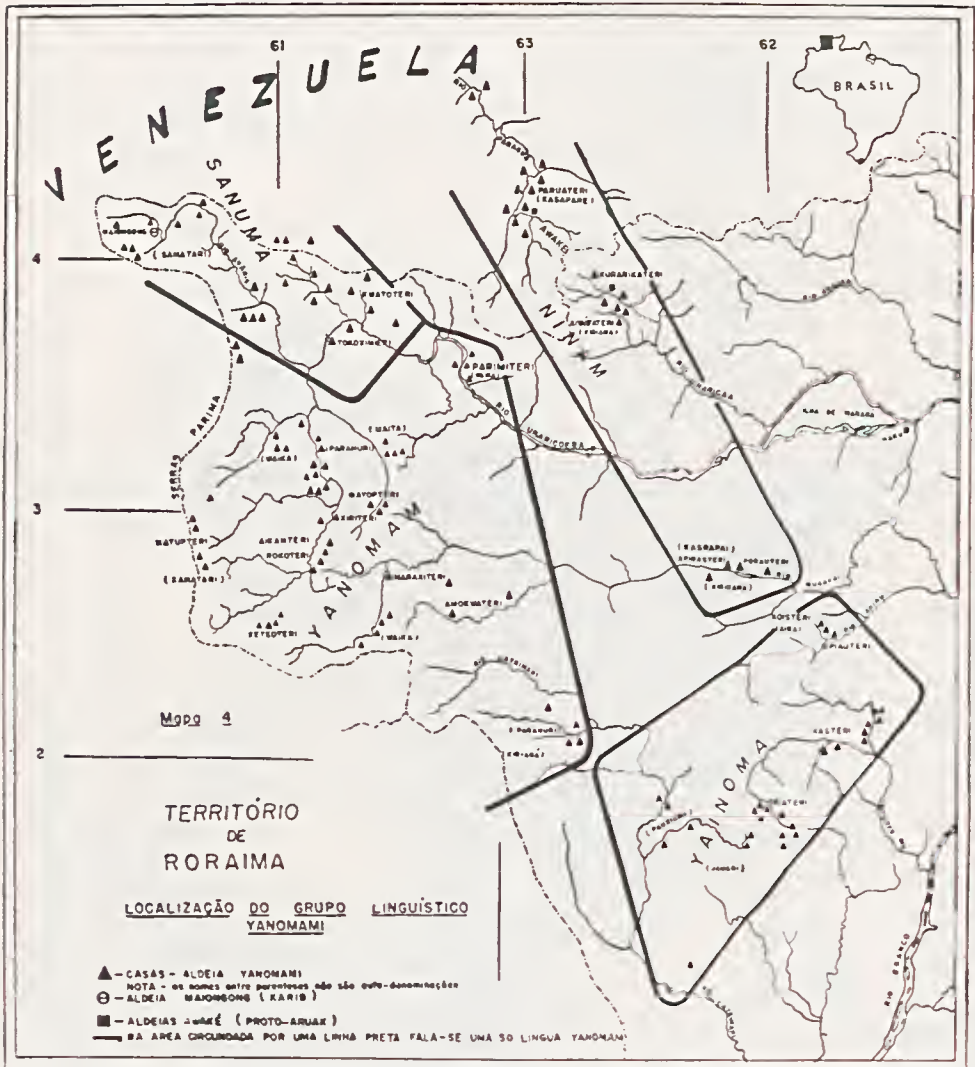


Fig. 4 — Mapa, mostrando a localização do grupo linguístico Yanomami.

mami é usado no centro geográfico da família, desde o rio Uruaricuera (norte) até o alto Demeni (sul) e do alto Manaviche e Mavacá (oeste) até o alto Mucajá (leste).

As línguas Yanomami do Território (vide mapa 4) são: Ninam, Sanuma, Yanomami e Yainoma. Estes termos são cognatos da palavra Yanomami nas respectivas línguas da família. Pelo fato de ser

êstes termos usados pelos falantes da família Yanomami, aqui são empregados para designar as várias línguas desta mesma família. Isso discorda com a denominação "Waica" usada por VOEGELIN (1965), que, citando BORGMAN *et al.* (1965), declara "Waican is chosen as the name of the family on the basis of its use by native speakers to identify all other groups speaking related dialects." Em realidade o termo "Waica" não é auto-denominação, sendo usado pelos falantes da família Yanomami para designar um outro grupo da mesma família quando não simpaticizam com êle, significando êsse termo *pessoa braba, que mata*. O termo tradicional Xirianá ou Xirixaná (KOCH-GRÜNBERG, 1913; RIVET-LOUKOTCA, 1952; MASON, 1950, McQUOWN, 1955) era originariamente usado depreciativamente pelos Karib para com os grupos Yanomami. Atualmente os grupos Yanomami marginais identificam-se, para os estrangeiros, como Xirixâna ou Xirixâna, o que na cultura Yanomami significa *pessoa amiga, mansa*.

As várias denominações dos grupos locais da família Yanomami que aparecem nos mapas e trabalhos etnográficos têm causado confusão pela falta de uniformidade

e consistência. Podem-se reunir em três classes:

1. Designações externas, dadas por pessoas não-membros da família Yanomami, Assim, "Jauari" [dʒawarí] ou [ʒawarí] ⁽⁸⁾ no rio Catrimani e Ajarani, que pode ser traduzido *não estou contente* ou *estou com frio*; "Guademá" uma má interpretação de uma palavra dos Parimiteri no rio Uraricuera; "Xirixiana" ou "Xiriana" [ʃiri-syána] ou [ʃiryána] nome dado pelos Karib para tribos Yanomami vizinhas. Atualmente, acham-se tribos denominadas Xiriana nos rios Paragua e Caura (Venezuela), Uraricaá, Mucajaí, Catrimani, alto Demeni, etc.; "Guaharibo" ou "Guariba" termo depreciativo no alto Ventuari (Venezuela); Xoriná [ʃoriná] *parente, cunhado*, usado no rio Negro; há alguns outros, mas referem-se a tribos fora da área do Território de Roraima.

2. Designações internas, isto é, aquelas que uma tribo Yanomami dá a outra tribo Yanomami, mas nem sempre aceitas como auto-denominações. "Paruhuri" [parah-ri] *águia, gavião real*, nos rios Parima, Catrimani e serras Parima. "Samatari" ou "Xamatari" [ʃamatare] são *antas* (?) entre o rio Uraricuera e os rios Caura e Ventuari,

⁽⁸⁾ As palavras entre colchetes estão escritas foneticamente.

na parte sul das serras Parima. “Guaica”, “Uaica” e *Waika* [wai-ká] *matar, brabo*, nos rios Uraricuera, Parima, alto Mucajaí, alto Ajarani, Apiaú, Orenoco, etc. “Maitá” [maitá] entre o alto Uraricuera e o Parima. “Casapare”, “Casrapai”, [kas rapai] *lábio comprido* (devido ao uso de um rôlo grande de tabaco entre os lábios e os dentes), originalmente no alto Uraricaá e alto Paragua, hoje em dia também no médio Mucajaí. “Xiriana” [širiana] *gente amiga*, rios Uraricaá, Mucajaí e alto Catrimani.

3. Auto-denominações. As tribos Yanomami identificam-se a si mesmas com o morfema-theri *moradores de*, sufixado a nomes geográficos como rios, lugares e serras. Alguns exemplos são: Kasteri [kas

theri] *moradores da beira* (rio Ajarani); Apiauteri [apia-theri] *moradores do rio Apiaú*; Aiwatãteri [aiwətətheri] *moradores da serra Aiwãta* (rio Uraricaá); Parimitheri [parimitheri] *moradores do rio Uraricoera*; Mayofteri [mayoptheri] *moradores do lugar Tucano*, alto Parima.

As designações externas e internas não podem ser usadas para classificação dos dialetos, por serem muito genéricas e geralmente o mesmo nome refere-se a diversas tribos cujos dialetos pertencem a línguas diferentes. Neste ensaio usam-se as autodenominações e, quando é necessário reunir diversas tribos de um mesmo dialeto, usar-se-á o nome geográfico do rio principal da área.

Fig. 5 — Mapa, mostrando a localização dos grupos lingüísticos Karib e Aruak (1. Ingariko; 2. Barro; 3. Caracana; 4. Jacó; 5. Urucá; 6. Flexal; 7. Boa Esperança; 8. Sipó 9. Timão; 10. Jonai; 11. Suapi; 12. Bôca da mata; 13. Curicaca; 14. Gavião; 15. Camaleão; 16. Aipura; 17. Ereu; 18. Cararual; 19. Caju; 20. Cumaná; 21. Araí; 22. Miam; 23. Enseada; 24. Barro; 25. S. Jorge; 26. Paure; 27. Caraparú; 28. Tachí; 29. Anarem; 30. Abelardo; 31. Lilás; 32. Paiuá; 33. Uiramutã; 34. Escondida; 35. Socori; 36. Pedra Branca; 37. Buritizal; 38. Maturuca; 39. Arára; 40. Prato; 41. Vizelo; 42. Socó; 43. Feliz Encontro; 44. Maracanã; 45. Serra; 46. Guariba; 47. Napoleão; 48. Macuxi; 49. S. Maria; 50. Pacu; 51. Perdiz; 52. Arara; 53. Flexa; 54. Aratania; 55. Gavião; 56. Contão; 57. Limão; 58. Araçã; 59. Flexa; 60. M. da Serra; 61. Passa Raiva; 62. Mocó; 63. Miritizal; 64. Preguicinha; 65. Chumina; 66. Lago Verde; 67. Urubu; 68. Raposa; 69. Cachoeirinha; 70. Natal; 71. Vazela; 72. Boqueirão da Lua; 73. Perdiz; 74. Xirixi; 75. Uacarã; 76. Lago Grande; 77. Tauari; 78. Milho; 79. Canivete; 80. Estação; 81. Vista Alegre; 82. Flexa; 83. Palmeira; 84. S. José; 85. Felicidade; 86. Guariba; 87. Araçã; 88. S. José; 89. Ouro; 90. Verde; 91. Aningal; 92. Rebolado; 93. Mangueira; 94. Boqueirão; 95. Pium; 96. Missão; 97. Anzol; 98. Jaboti; 99. Truarú; 100. Barata; 101. S. Vicente; 102. Serra da Mõça; 103. Bacabal; 104. Brasilândia; 105. Canaúam; 106. Surrão; 107. Arumã; 108. Tucumã; 109. Tucano. 110. Bom Fim; 111. Arraia; 112. Forquilha; 113. C. Brás de Aguiar; 114. Malacacheta; 115. Qui-tauau; 116. Nova Cintra; 117. Curuzuim; 118. Jacamim).

A língua Ninam [ninam] ou [yãnam] com 210 falantes no Brasil (vide mapa 4), e 150 no rio Paragua na Venezuela, compreende dois dialetos com 96% de cognatos. O dialeto do rio Mucajaí, com 120 falantes, distingue-se geralmente do dialeto do Uraricaá e Paragua pelo maior uso das variantes sonoras das oclusivas e africadas e de um conjunto diferente (embora com alguns cognatos) de posições na locução verbal. Os falantes da língua Sanumá [tsanimá] ou [Sanimá], uns 420 falantes no Brasil, estão localizados (vide mapa 4) nos afluentes norte do alto Uraricoera e no rio Auaris. Divide-se, pelo menos em dois dialetos, cujas diferenças não foram ainda estabelecidas, o do rio Araçá e o do rio Auaris.

A língua Yanomam com uns 1.200 falantes, cuja localização, mostrada no mapa 4, está no centro de toda a família Yanomami, divide-se em três ou quatro dialetos, dos quais somente dois estão definidos: o dos Parimiteri com uns 80 falantes, e o do alto Parima na proximidade da serra Surucucu, [aikamtheri] e [rokotheri] com uns 250 falantes. Os dois dialetos compartilham de 97% de cognatos, sendo a maior divergência entre eles de natureza fonológica.

A língua Yainoma [yãinomá] ou [yãnomá] conta com uns 300 falantes divididos em dois dialetos: o primeiro compreende 54 falantes do rio Apiaú mais os 112 do médio Ajarani, e o segundo consiste dos habitantes do alto Ajarani mais aqueles do médio rio Catrimani, somando uns 134 falantes.

Os dialetos de cada uma dessas línguas são mutuamente inteligíveis. O grau de inteligibilidade entre as quatro línguas Yanomami é o seguinte:

	Ninam	Sanuma	Yanomam	Yainoma
Ninam	Intel.	Quase	Intel.	Quase
Sanuma	Pouco	Intel.	Intel.	Pouco
Yanomam	Intel.	Intel.	Intel.	Intel.
Yainoma	Quase	Pouco	Intel.	Intel.

“Intel” significa mutuamente inteligíveis. “Quase” simboliza quase inteligíveis, isto é, quando um falante do dialeto A compreende o falante do dialeto B depois de dois ou três dias de contato. “Pouco” simboliza pouco inteligíveis, isto é, quando é preciso um contato mais prolongado para compreender-se.

Como mostra o quadro acima, os dialetos da língua Yanomam são mutuamente inteligíveis com os dialetos de todas as outras da família Yanomami. Em realidade esta mútua inteligibilidade é devida a um bilingüismo dos falantes da família Yanomami. Falam (os ho-

mens), ou pelo menos compreendem (as mulheres), além do próprio dialeto, uma espécie de língua "franca" formal aprendida desde a mocidade. Esta língua serve para comunicação interdialetoal formal (convites, notícias, comércio), quando um grupo visita um outro grupo. Essa língua "franca" é a língua Yanomami arcaica ⁽⁹⁾, cujo léxico apresenta 95% de cognatos com a língua Yanomam.

O sistema fonológico das línguas da família Yanomami ⁽¹⁰⁾ não apresenta grande divergência. Os inventários dos fonemas apresentam o máximo de 13 e o mínimo de 11 contrastes para as consoantes; e o máximo de 7 e o mínimo de 6 contrastes para as vogais. Os símbolos entre colchetes, na lista comparativa que segue, são alofones.

	Ninam	Sanuma	Yanomam	Yainoma
<i>Consoantes:</i>				
Oclusivas	p [p,b]	p [p,b]	p, [p,b]	p [p,b]
	t [t,d]	t [t,d]	t [t,d]	t [t,d]
	k [k]	k [k]	k [k]	k [k]
	th [th]	th [th]	th [th]	th [th]
Africada -nasal	y [tʃ̃, ñ]	y [ts]		y [dʒ̃, ñ]
Fricativas	s [s]	s [s,ʃ̃]	s [s]	s [s]
	ʃ̃ [ʃ̃]		f [p,f]	ʃ̃ [ʃ̃]
	h [h,χ]	h [h]	h [h]	h [h,f,χ]
Nasais	m [m]	m [m]	m [m]	m [m]
	n [n,N]	n [n]	n [n]	n [n]
Flap-Lateral	r [r̃,l,ñ]	l [l,r̃]	r [r̃,l]	r [r̃,l]
	Semivogais	w [u]	w [u]	w [u]
			y [i,ñ]	
<i>Vogais:</i>				
Altas	i [i,t]	i [i]	i [i]	i [i]
	u [i,i]	i [i,i]	i [i,i]	u [i,i,u]
		u [u]	u [u]	
Médias	e [e,ɛ]	e [e,ɛ]	e [e,ɛ]	e [e,ɛ]
	ə [ə,ʌ]	ə [ə,ʌ]	ə [ə,ʌ]	ə [ə,ʌ]
	o [o,ɔ]	o [o,ɔ]	o [o,ɔ]	o [o,ɔ]
Baixa	a [a]	a [a]	a [a]	a [a]

⁽⁹⁾ Quase comparável ao latim em relação às línguas latinas modernas.

⁽¹⁰⁾ São cinco línguas, mas uma não é falada no Território de Roraima.

Há uma oclusiva glotal não fonêmica que pode ocorrer entre vogais ou como um dos traços distintivos da juntura externa que marca as fronteiras vocabulares. A nasalização é fonêmica no nível da palavra, e ocorre com tôdas as vogais. O padrão silábico comum para as línguas Yanomami consiste de três tipos de sílabas: V, CV, CVC. Há mais três tipos de sílabas CCV, CCVC e VC cuja ocorrência e distribuição são restritas.

As línguas Ninam e Yainoma têm o mesmo sistema fonêmico porém os fonemas nem sempre têm os mesmos alofones. O fonema /y/ é uma semivogal. somente na língua Yanomam, enquanto é uma africada palatal surda [tʃ̥] em Ninam, sonora [dʒ̃] em Yainoma, e alveolar surda [ts̥] em Sanuma; em palavras nasais, /y/ tem uma variante nasal palatal [ɲ̃] em tôdas as línguas excetuando Sanuma. O fonema /f/ ocorre somente em um dialeto da língua Yanomam, enquanto nos outros dialetos (i.e., Parimiteri) é um alofone de /h/. As divergências fonológicas mais destacadas entre as quatro línguas são o acento vocabular, acento frasal e intonação.

O léxico das línguas Yanomami apresenta menor divergência nos morfemas maiores do que nos morfemas menores ⁽¹¹⁾; destes últimos a divergência mais relevante entre as quatro línguas é nas posições da locução verbal, especialmente aquelas que indicam tempo-aspecto. A palavra morfológica verbal não contém afixos indicando a pessoa. Os conjuntos dos pronomes pessoais nas quatro línguas são relativamente os mesmos.

As quatro línguas compartilham das seguintes porcentagens de cognatos:

	Ninam	Sanuma	Yanomam	Yainoma
Ninam	100	65	80	76
Sanuma	65	100	67	60
Yanomam	80	67	100	82
Yainoma	76	60	82	100

As línguas faladas por tribos marginais, i.e., situadas na periferia da área Yanomami, apresentam vários empréstimos lexicais. Por exemplo: os Ninam usam vocábulos emprestados dos Karib e Aruak no que concerne o complexo da mandioca, canoa, tanga, instrumentos de ferro, e o culto da Aleluia.

No nível sintático as línguas Yanomami mostram uma certa

⁽¹¹⁾ Morfemas menores são aqueles cujas classes contam com um número limitado de membros, como afixos, operadores, clíticos, posposições ou preposições, etc.

KARIB

uniformidade. A estrutura-tipo da frase pode ser simbolizada: (*Satélite*) + *Núcleo* + (*Satélite*). Isso é, uma série de elementos facultativos (*Satélites*), como temporais, locativos, instrumentos etc. que podem ocorrer antes ou depois do *Núcleo*, que é sempre obrigatório. Um tipo de *Núcleo* na sua forma simples é uma seqüência de duas locuções nominais mais uma verbal: (*Agente*) + *Tópico* + *Comentário*. Os termos *Agente* e *Tópico* substituem os tradicionais *Sujeito* e *Objeto*, porque refletem melhor o ponto-de-vista estrutural Yanomami. O *Agente* é aquele que age nos verbos transitivos, mas o *Tópico* (que as vèzes pode ser confundido com o tradicional *Sujeito*) é o participante diretamente envolvido no predicado, e é o mesmo das frases descritivas e intransitivas que não têm *Agente* mas somente o participante diretamente envolvido no *Comentário*, que pode ser descrito /ya ašimi/ *eu estou cansado*, ou intransitivo /ya rərəaj/ *eu corro*. Há algumas transformações que regulam as seqüências dos elementos do *Núcleo* quando o *Agente* ou o *Tópico* são pronomes (formas prêsas) ou classificados (12).

(12) As publicações mais recentes com informações lingüísticas de línguas Yanomami são: RODRIGUES, 1960; MIGLIAZZA & GRIMES, 1961, BORGMAN & CUE, 1963, BORGMAN *et al.*, 1965, ALBRIGHT, 1965.

No Território de Roraima (vide mapas 2 e 5) o grupo Karib, inclui as seguintes línguas: Makuxi, Mayongóng, Taulipáng, Ingarikó, Waimiri e Pauxiãna (13).

A língua Ingarikó era falada até há uns vinte anos passados por indígenas moradores do alto rio Cottingo e rio Maú (no Brasil) e a oeste do alto Maú na Guiana. Hoje em dia é raramente falada no Brasil, havendo os Ingarikó [ɪŋgɪrɪkó] *gente da selva*, ou *nossa gente*, emigrado quase totalmente para a Guiana, onde são conhecidos como Patamonas. A maioria dos Ingarikó está atualmente morando na aldeia Paramakatoi (Guiana, uns 20 km a oeste do alto rio Maú) ou nas vizinhanças desta aldeia, onde, segundo dizem, foram atraídos pelas possibilidades escolares e vantagens comerciais. Há ainda uma pequena maloca, mas não de caráter permanente, no alto rio Cottingo, e encontram-se também alguns indivíduos Ingarikó em aldeias Ma-

(13) Poucas são as publicações lingüísticas sobre línguas Karib do Território. A maioria delas não usam símbolos fonéticos e baseiam-se no modelo latino, que não é apropriado para as línguas americanas. Podemos citar somente dois trabalhos: HAWKINS, 1950; BURNS, 1963.

kuxi de Barro e Timão (vide mapa 5). Calcula-se cerca de 60 Ingarikó no Brasil em contato "permanente" com a frente pioneira nacional. Makuxí e Ingarikó são mutuamente inteligíveis, apresentando mais de 80% de cognatos.

A língua Waimiri é mais falada atualmente no Estado do Amazonas ao sul do rio Alalaú (cerca de oito malocas). O levantamento aéreo porém, encontrou duas malocas logo ao norte do médio rio Alalaú, com uma média de 60 indivíduos ainda isolados da sociedade nacional.

Em abril e maio de 1966 o S.P.I. teve contatos amistosos com os Waimiri, abrindo a possibilidade de um futuro estudo desta língua. No fim do século passado BARBOSA RODRIGUES (1885) comunicava-se com eles por meio de um Makuxi, indicando que a língua era mutuamente inteligível com o Makuxi.

Os Pauxiãna, antigos moradores do rio Catrimani e do rio Branco, estão hoje em dia extintos. O levantamento do rio Catrimani localizou alguns descendentes dos Pauxiãna perto da boca do rio Catrimani, os quais diziam falar somente a língua portuguesa. No rio Pacu, afluente da margem esquer-

da do médio Catrimani, há uma maloca cujos moradores identificam-se como Pauxiãna ⁽¹⁴⁾. Porém uma visita *in loco* revelou que falam somente a língua Yainoma (Yanomami). Trata-se de três indivíduos, um pai e dois filhos, descendentes de Pauxiãna, casados com mulheres Yanomami e integrados na cultura Yanomami, que para com os "civilizados" não querem identificar-se com os "Jawari", denominação externa dos Yanomami no rio Catrimani. A única publicação sobre a língua Pauxiãna, ao nosso alcance, é a de MEYER, 1956.

A língua Makuxi, com cerca de 3.200 indivíduos, incluindo os aldeados e os destribalizados, é a língua Karib mais falada no Território de Roraima. Deste número estima-se que somente uns 2.000 compreendem e falam ainda Makuxi. Os outros, em maioria a nova geração destribalizada, não falam ou não querem mais falar a própria língua. Integrados com os Makuxi nas malocas Mangueira e Aningal (vide mapa 5) foram encontrados cinco indivíduos que dizem ser descendentes dos Saporá (dois) e Wayumará (três), tribos

⁽¹⁴⁾ Comunicação pessoal de João Calleri.

Karib que antigamente habitavam a região. A língua Makuxi apresenta pequenas variações dialetais no que concerne a distribuição alofônica, especialmente entre os falantes que habitam a área do rio Maú e a do rio Surumu. Porém, os fonemas são os mesmos em toda a área ocupada pelos Makuxi, seja no Brasil, seja na Guiana.

Na parte oeste da região da savana, aldeados com os Makuxi, acham-se os Taulipáng, conhecidos também como Jarecuna ou Arekuna na Venezuela. Antigamente apareciam também com o nome de Porocotó, aldeados no rio Uraricaá onde atualmente habitam os Yanomami. O número dos Taulipáng

está hoje reduzido a uns 400 indivíduos devido à emigração ⁽¹⁵⁾ para o norte, na Venezuela, durante os últimos 30 anos. Poucos deles falam somente a língua Taulipáng (menos de 100 indivíduos), havendo adotado a língua Makuxi ou a Portuguesa.

Os Maiongóng [de ?kuána] localizados somente no alto Auaris, fronteira com a Venezuela, somam 80 falantes. Os que habitavam o rio Uraricuera emigraram para o rio Parágua forçados pelos Yanomami mais belicosos. A maioria dos do rio Auaris foram atraídos pelas escolas do rio Ventuari (Venezuela).

Inventário dos fonemas:

	Makuxi	Taulipang	Maiongóng
<i>Consoantes</i>			
Oclusivas	p [p,b,p,h]	p [p,b]	
	t [t,d]	t [t,d]	t [t]
	k [k,g]	k [k,g]	k [k,g]
	? [?]	? [?]	? [?]
Fricativas			p [p,h]
	s [s,z,š,dž]	s [s,š]	s [s,z,tš]
			š [š,dž]
Nasais	m [m]	m [m]	m [m]
	n [n,ɲ]	n [n,ɲ]	n [n,ɲ]
Flap-lateral	r [r,l]	r [r,l]	r [d,d]
Semiconsoantes	w [b,v]	w [u,v]	w [u,b]
	y [i,d]	y [i,d]	y [i]

⁽¹⁵⁾ Os Taulipáng contam que o motivo da emigração foi religioso.

Vogais

Altas	i [i]	i [i]	i [i]
	ĩ [ĩ,ĩ]	ĩ [ĩ,ĩ]	ĩ [ĩ,ĩ]
	u [u]	u [u]	u [u]
Médias	e [e,ɛ]	e [e,ɛ]	e [e,ɛ]
	o [o,ɔ]	o [o,ɔ]	o [o,ɔ]
Baixa	a [a,ə]	a [a,ə]	a [a,ə]

Os sistemas fonológicos apresentam um máximo de 11 e um mínimo de 10 contrastes para as consoantes e 6 contrastes para as vogais. Há uma série de consoantes palatalizadas (plosivas e nasais) que ocorre com mais frequência em Maiongóng. As oclusivas surdas /p/ /t/ /k/ das línguas Makuxi e Taulipáng ocorrem com uma leve pré-aspiração quando precedidas por uma sílaba longa. Há nasalização não fonêmica que ocorre com as vogais quando seguidas de uma consoante nasal. Acento vocálico não fonêmico ocorre na

última sílaba da palavra fonológica em Makuxi e Taulipáng, mas ocorre geralmente na penúltima em Maiongóng. No padrão silábico distinguem-se sílabas longas V:, CV:, e sílabas breves V, CV, VC, CVC.

Os léxicos Makuxi e Taulipáng não mostram muita divergência e as duas línguas são mutuamente quase intelegíveis; ao passo que estas duas línguas são ambas pouco intelegíveis com Maiongóng. As percentagens de cognatos são as seguintes.

	Makuxí	Taulipáng	Maiongóng
Makuxí	100	85	60
Taulipáng	85	100	65
Maiongóng	60	65	100

Na contagem dos cognatos verificou-se que os verbos apresentam menos cognatos do que os substantivos. No conjunto dos pronomes a maior divergência está entre o Maiongóng e as outras duas línguas. Os afixos que indicam a

peessoa, seja do sujeito ou do objeto, ocorrem na palavra morfológica verbal. Há também sufixos que indicam o agente. A estrutura sintática é semelhante àquela das línguas Yanomami.

ARUAK

A família Aruak no Território inclui dois dialetos mutuamente inteligíveis: Wapitxâna e Atorai. Antigamente o Wapitxâna propriamente era falado na região oeste do alto rio Branco, enquanto o Atorai era falado na parte leste e na Guiana Inglesa, no vale do rio Tacutu. Hoje em dia os Atorai (ou Atoraiu) identificam-se somente como Wapitxâna, e a maioria delas fala ainda a própria língua. O dialeto Wapitxâna propriamente está quase extinto, e encontram-se

somente alguns falantes nas aldeias do rio Amajari e Surumu. Outros dialetos mencionados por HERMANN (1946) não seriam propriamente dialetos, mas dialetos com abundante empréstimo léxico Karib devido a casamento e convivência dos Wapitxâna com os Makuxí culturalmente mais resistentes. Atualmente muitos Wapitxâna compreendem Makuxí, mas não acontece o contrário. Dos 1.200 Wapitxâna somente uns 700 ainda falam a própria língua.

O inventário preliminar dos fonemas com seus alofones inclui:

Consoantes:

	surdas	p [p]	t [t]	k [k]	? [ʔ]
Oclusivas	sonoras	b [b]	d [d,d]	g [g]	
			č [tš]		
Fricativas			s [s,θ,ʃ]		
Nasais		m [m]	n [n,n]	ñ [ñ]	
Flap			r [r]		
Vibrante			ř [ř] com fricção		
Semiconsoantes		w [w,v]		y [j]	

Vogais:

Altas	e [e,i]	î [i,ï]	o [o,u]
Baixa		a [a,ə]	

O acento vocabular é fonêmico mas a duração vocálica não o é. Com as oclusivas ocorre palatalização. Padrões silábicos: V, CV, VC, CVC, CCV. A palavra morfológica verbal inclui o pronome pessoal. A

ordem geral das locuções na frase é a seguinte: (Satélite) + Agente + Predicado + (Objeto) + (Satélite). A posição facultativa Satélite inclui: Temporais, Locativos, Instrumento, etc.

MÁKU

A língua Máku do rio Uraricuera (que não deve ser confundida com a dos Maku-Puinave, dos rios Negro e Japurá), contava com uns 200 falantes em 1930, então no alto

rio Uraricuera, e atualmente conta com apenas três falantes ⁽¹⁶⁾. No passado foi considerada como isolada, porém sua estrutura e léxico indicam possibilidades de ligação com o Tupi.

Os fonemas incluem 15 consoantes e 6 vogais:

Consoantes

	surdas	p [p]	t [t]	k [k]	? [ʔ]
Oclusivas	sonoras	b [b]	d [d,d̥]		
			ts [ts,t̥s̥]		
Fricativas			s [s]	ʃ [ʃ]	h [h,x]
Nasais		m [m]	n [n]		
Lateral			l [l]		
Semiconsoantes		w [u,ü,b]		y [j]	

Vogais

Altas	i [i]	ü [ü]	ĩ [ĩ]	u [u,o]
Medias-baixas	e [e,e]		a [a,ə]	

A nasalização é fonêmica e ocorre com tôdas as vogais. Palatalização e labialização ocorre com as oclusivas, nasais e laterais. Há duração vocálica, mas não é fonêmica. Os padrões silábicos são cinco: V, VC, CV, CVC, CCV. O acento vocálico cai sempre na última sílaba.

Há uma série de pronomes complexos que indicam simultaneamente sujeito-objeto. O verbo inclui, prefixada, a pessoa, e sufixada, a afirmação ou negação do verbo e o tempo-aspecto. A ordem das locuções na oração declarativa é a

seguinte: (Agente) + (Objeto) + Predicado + (Satélite).

AWAKÉ

A língua Awaké era falada antigamente nos rios Parágua e Uaricaá. Os nomes geográficos da região compreendida entre êstes rios são todos de origem Awaké. Os Awaké autodenominam-se [orotani], e contam que suas terras foram invadidas primeiro pelos Ka-

⁽¹⁶⁾ Para um sumário histórico dos Máku, vide MIGLIAZZA, 1965, Introdução; e para um esboço sintático da língua Máku, vide MIGLIAZZA, 1966.

rib que êles chamam de Porokotó, e depois, quando êstes retiraram-se para o médio Parágua, (onde são os atuais Arekuna), chegaram os Yanomami, que chamavam de Kasrapai ou seja *lábio comprido*. Os Awaké são chamados pelos Yanomami de [irjá:k], e atualmente casam-se com os Yanomami e são bilíngües, falando as línguas Ninam

e Awaké. A nova geração fala somente a língua Ninam (Yanomami). Os adultos que ainda falam Awaké são 17, que moram no alto Uraricaá e alto Parágua (vide mapa 4).

O léxico e a estrutura apontam esta língua não como isolada, mas como membro do grupo Aruak. Há 13 fonemas consoantes e 5 vogais.

Consoantes

Oclusivas	p [p]	t [t]	k [k,g]	? [ʔ]
Fricativas		s [s]	š [š]	h [h]
Flap		r [r]		
Nasais	m [m]	n [n]	ñ [ñ]	
Semiconsoantes	w [w]		y [j]	

Vogais

Altas	i [i,ɨ]		u [u]
Medias	e [e,ɛ]		o [o,ɔ]
Baixa		a [a,ɶ]	

A nasalização é fonêmica e ocorre com tôdas as vogais. O acento vocabular é fonêmico. Tôdas as consoantes, menos as semi-consoantes, podem ser palatalizadas. Os padrões silábicos são cinco: V, CV, VC, CVC, CCV. A oração declarativa comum é composta das seguintes locuções: (Agente) + (Objeto) + (Instrumento) + Predicado. O Agente é marcado por um sufixo. O Predicado inclui afixo de pronomes pessoais.

SUMMARY

The works published to date on the indigenous population of the

Território Federal de Roraima (Brazil) are not complete, and some fail to present a true picture of the location, demography, linguistic affiliation and intelligibility of the various dialects.

The purpose of this paper is to give an up to date picture of the indigenous languages of the Territory. Phonemic inventory, cognate density, intelligibility within the families and a few grammatical features for each language are also presented. The possible affiliation of some "isolated" languages is proposed.

The accompanying maps give the geographical position (last century and present) of the language families, as well as the position of the local Indian villages or communal houses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRIGHT, S., 1965, Aykamteli Higher-Level Phonology. *Anthropol. Linguistics*, 7 (7):
- ALMADA, M. G. L., 1861, Descrição relativa ao rio Branco e seu território (1787). *Rev. trim. Inst. Hist., Geogr. e Ethnogr. Brasil*, Rio de Janeiro, 24:
- BECHER, H., 1960, Die Surára und Pakidái, Zwei Yanonámi-Stämme in Nordwest-Brasilien. *Mitt. Mus. Völkerk., Hamburg*, 26:
- BORGMAN, D. M. & CUE, S. L., 1963, Sentence and Clause Types in Central Walca (Shiriana). *Intern. J. Amer. Linguistics*, 31 (3):
- BORGMAN, D., CUE, S., ALBRIGHT, S., SEELEY, M. & GRIMES, J., 1965, The Walcan Languages. *Anthropol. Linguistics*, 7 (7):
- BURNS, H., 1963, Macushi (Carib) Verb Inflection. Summer Institute of Linguistics Workshop, Norman, Oklahoma. Manuscrito. (Não publicado).
- COUDREAU, H. A., 1887, *La France Équinoxiale*. Paris.
- GALVÃO, E., 1960, Áreas culturais indígenas do Brasil, 1900-1959. *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi, Antropologia*, 8:
- GREENBERG, J., 1960, The General Classification of Central and South American Indian Languages. *Selected Papers of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnographical Sciences*. Edited by A. F. C. Wallace. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, Pennsylvania.
- HAWKINS, N. W., 1950, Patterns of Vowel Loss in Macushi (Carib). *Inter. J. Amer. Linguistics*, 16 (2):
- HERMANN, L., 1947, A Organização Social dos Vapidianos do Território do Rio Branco. *Sociologia*, São Paulo, 8:
- KOCH-GRÜNBERG, T., 1917, *Vom Roroíma Reise in Nord-Brasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913. zum Orinoco. Ergebnisse einer Tomo IV*. D. Reimer, Berlin.
- MALCHER, J. M. G., 1964, *Índios: Grau de Integração na Comunidade Nacional, Grupo Lingüístico, Localização*. Rio de Janeiro.
- MASON, J. A., 1950, The Languages of South American Indians. *Handbook of South American Indians*. Vol. 6. Washington.
- MCQUOWN, N. A., 1955, The Indigenous Languages of Latin America. *Amer. Anthropologist*, 57: 501-570.
- MEYER, A. W., 1956, Pauxiána. Pequeno ensaio sobre a tribo Pauxiána e sua língua, comparada com a língua Macuchi. *X Congresso Nacional de Geografia*. Rio de Janeiro, 1944.
- MIGLIAZZA, E., 1965, Fonologia Máku. *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi, Antropologia*, 25.
- MIGLIAZZA, E., 1966, Esboço Sintático de um Corpus da Língua Máku. *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi*, 31:

- RIBEIRO, D., 1957, Culturas e línguas indígenas do Brasil. *Educação e Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 2 (6):
- RIVET, P. & LOUKOTKA, C., 1952, Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. *Les Langues du Monde*, A. Meillet et Marcel Cohen. 2.^a edição. Paris.
- RODRIGUES, A. DALL'IGNA, 1960, Über die Sprache der Surara und Pakidái. *Mitt. Mus. Völkert. Hamburg.*, 26:
- SCHUSTER, M., 1958, Die Soziologie der Waika. *Proc. 32nd Intern. Congr. Americanists*, pp. 114-122. Copenhagen.
- VOEGELIN, C. F. & VOEGELIN, F. M., 1965, Languages of the World: Native America. Fascicle Two. *Anthropol. Linguistics*, 7 (7):
- WILBERT, J. 1963, Indios de la región Orinoco-Ventuari. *Monografía número 8, Fundación La Salle de Ciencias Naturales*. Editorial Sucre C. A., Caracas.
- ZERRIES, O., 1956, Verlauf und vorläufige Ergebnisse der Frobenius Expedition 1954-55 nach Süd-Venezuela. Vol. VI, Heft 3. Frankfurt-Wiesbaden.